



# AS CARACTERÍSTICAS DOS EMPREENDIMENTOS NA ORLA DE CAVALEIROS: A CRISE E O PÓS CRISE

Giuliano Alves Borges e Silva<sup>1</sup>  
Miúra Viana Souza<sup>2</sup>  
Rodrigo Issa de Assis Brasil<sup>3</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Com a crise na Cadeia Produtiva de Petróleo e Gás, as previsões mais negativas apregoavam uma possibilidade de completa desmobilização no sistema produtivo do município de Macaé. Tal possibilidade catastrófica respaldava-se no nível de dependência do local em relação ao Petróleo, *commodity* que teve no início do ano de 2016 seu pior momento no Século XXI.

Alguns indicadores socioeconômicos atingiram recordes negativos na cidade, elevados índices de desemprego, queda na arrecadação proveniente dos *royalties* de petróleo e desmobilização de plataformas de produção. O município, que ficou com todo o passivo do crescimento populacional desordenado ocorrido na região após a instalação da Petrobras na década de 1970, não aproveitou a época de pujança de arrecadação municipal para mobilizar eficientemente sua infraestrutura, saúde e educação.

Dado o referido contexto, a crise afetou outros setores da economia local, atividades comerciais, setor imobiliário e prestação de serviços. Agravou-se à situação da cidade, um péssimo momento na Região Norte Fluminense, no estado do Rio de Janeiro (que passava por uma crise fiscal, com dificuldades de pagamento para funções essenciais, como salário de professores de Universidades Estaduais), e no país, que vivenciava uma indefinição política, com *impeachment* e uma grave crise institucional na nação.

Apesar dos impactos causados pelo cenário de crise, observou-se uma reordenação das atividades empresariais e, a partir do ano de 2018, já foi possível vislumbrar possibilidades de recuperação.

Nesse contexto de reordenação de atividades, saltava aos olhos a expansão de empreendimentos na região da Orla dos Cavaleiros, que antes do momento de crise limitava-se à rua principal e, paradoxalmente, durante a crise, ampliou essa potencialidade para toda a região da orla, ruas perpendiculares e paralelas. Sendo assim, surge a seguinte questão: qual a característica dos novos empreendimentos da região?

A cidade é um sistema altamente complexo, onde um grande número de agentes interage, levando a uma dinâmica aparentemente difícil de entender. Muitos estudos em história, geografia, economia espacial, sociologia ou física discutem várias facetas da evolução das cidades (BARTHELEMY *et al*, 2013).

Este estudo parte de um pressuposto teórico dedutivo, baseado na teoria geral dos sistemas, de que uma cidade é um sistema social e por isso possui uma capacidade de auto-organização dada por sua complexidade e suas características próprias. Tendo em vista as limitações desta pesquisa, somente seria possível analisar o problema sob a ótica interna. Portanto, há uma dedução de que a reordenação e expansão das atividades empresariais em um determinado local, mesmo diante uma grave crise, possa ser caracterizada pela *autopoesis*. E mais, a investigação do perfil dos empreendimentos que ajudam a manter o organismo vivo (cidade pulsante) poderá ajudar a compor a história única desse sistema, que é a cidade de Macaé.

## 1.1. Objetivos

O objetivo da pesquisa concentra-se em descrever o perfil dos empreendimentos que surgiram em toda a Orla de Cavaleiros, em especial nas ruas perpendiculares.

Para atingir a esta finalidade, será necessário:

- Compreender a capacidade de auto-organização de uma cidade, enquanto sistema aberto, à luz da concepção *autopoietica* e suas influências na Orla de Cavaleiros;
- Identificar as motivações para aberturas de negócios, bem como a relação dos empreendimentos com a crise do setor petrolífero.

## 1.2. Métodos

Desde que foi formulada na década de 1960, a teoria da *autopoiese* foi disseminada de um modo extraordinário, invadindo inúmeros campos do conhecimento. Entre outros assuntos, tem sido utilizada para interpretar a auto constituição de sistemas sociais (MINGERS, 1995). Ainda que os autores reconheçam as limitações da abordagem, por não considerar variáveis externas ao sistema, ela tem a vantagem de prover uma interpretação interna da realidade, já que a cidade é um sistema social suficientemente complexo para a ótica de análise.

Tal perspectiva faz-se necessária porque é importante contar a história e compreender as características de um sistema a partir do próprio local. Nesse sentido, cabe uma investigação teórica com interpretação empírica por observação em torno da organização da cidade, bem como da movimentação interna das atividades empresariais, enquanto propulsoras de um subsistema econômico.

Posteriormente, adotou-se uma pesquisa de campo para compreender o perfil dos empreendimentos da Região da Orla de Cavaleiros. Para tanto, um Questionário Estruturado foi elaborado e 81 empresas foram visitadas por três pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (um professor do Departamento de Administração de Macaé e dois alunos do Curso de Administração). Dentre o total de empresas visitadas, 36 aceitaram participar, ou seja, o índice de participação foi de 44,4%. As informações foram analisadas a partir de uma abordagem quanti-qualitativa, com finalidade descritiva.

Os critérios de inclusão na amostra foram:

- Empreendimento localizado na Rua da Orla de Cavaleiros abertos a partir do ano de 2012.
- Empreendimento localizado nas ruas perpendiculares à Orla, independente do ano de abertura da empresa.

## 2. A CIDADE COMO SISTEMA E A REGIÃO DA ORLA DE CAVALEIROS COMO SUBSISTEMA: ABORDAGEM AUTOPOIÉTICA.

Para entender a cidade como um organismo é necessário nos aproximar da *Teoria Geral dos Sistemas*,

de Bertalanffy (1969) e da aplicação da Teoria dos Sistemas abordada em Luhmann (2009), onde as interações dos sistemas que compõem o espaço urbano determinam a organicidade de um local. O organismo da cidade, estando saudável ou não, é composto por uma série de subsistemas caracterizados pela inter-relação e pela recursividade.

Os principais sistemas de uma cidade são: o sistema econômico, o sistema político e o sistema do direito. Na sociedade contemporânea, o sistema econômico é aquele que possui um maior domínio sobre as relações no meio urbano (SALIBA, 2015).

É comum na literatura uma interpretação filosófica que aplica a teoria da complexidade aos sistemas urbanos e regionais. Ao considerar a cidade como um sistema, analisa-se o fato de que "os problemas das cidades brasileiras têm assumido contornos extremamente relevantes, face à imensa concentração populacional no meio urbano" (AREND, 2014, p.2). Com isso, surge a percepção de que o poder público da esfera municipal deve planejar o desenvolvimento.

Quando o crescimento desordenado ocorre e os momentos de crise que afetam um sistema chegam a um município em que inexistente planejamento ou ele não foi adequado, a chance de sobrevivência do modelo irá depender da capacidade de auto-organização. A diversidade, intrinsecamente combinada e mutuamente sustentada, permite a vitalidade ou recuperação do processo, evitando a decadência; e a auto-organização pode ocorrer conforme a capacidade da região em diversificar (JACOBS, 2011).

Os órgãos públicos são responsáveis por alguns dos empreendimentos que ajudam a construir a diversidade (locais que preservam potencialidades). "Todavia, a maior parte da diversidade urbana é criação de uma quantidade inacreditável de pessoas diversas e de organizações privadas diversas" (JACOBS, 2011, p. 166). O surgimento dessas organizações, com concepções e propósitos diversos, cria condições de vitalidade fora do âmbito formal das instituições públicas.

Mesmo que o planejamento seja uma condição básica para uma sociedade bem sucedida, ainda assim, os modelos estão suscetíveis a falhar. Portanto, vale a pena refletir sobre como os locais se auto-organizam, porque implica na possibilidade que um sistema tem de aprender a partir de suas próprias experiências e ampliar as possibilidades de respostas como resultado (ALLEN, 1997).

A capacidade de auto-organização é proveniente da conceituação de sistemas complexos, mais precisamente da autopoiesis. Uma concepção advinda da biologia celular, transposta para áreas da sociologia, política, economia, direito, onde os sistemas constituem seus próprios limites, criam e recriam as condições para sobreviver e se desenvolver de acordo com a própria lógica (JESSOP, 2001).

Conforme Maturana Varela (1995), os organismos funcionam devido a seu acoplamento estrutural – interação com o meio – que se caracteriza por uma mudança contínua e, ao mesmo tempo, pela conservação dessa recíproca relação de transformação entre o organismo (unidade) e o meio. Ou seja, o meio interfere na forma com que iremos interagir com nossas próprias estruturas e esse raciocínio permeia tanto sistemas biológicos, humanos, quanto sistemas sociais complexos e cidades.

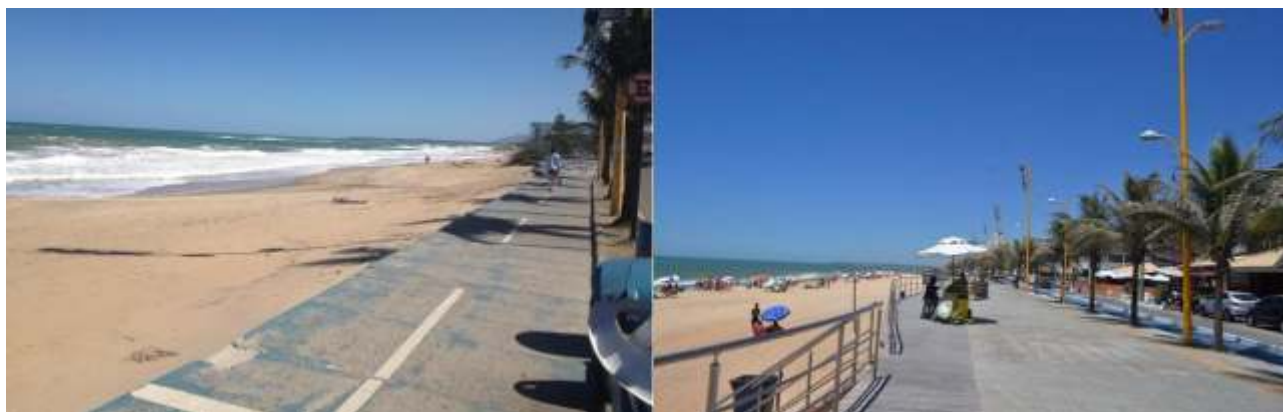
Entretanto, é imperativo compreender as bases biológicas da *autopoiesis*: organização e estrutura. A primeira, diz respeito às relações entre os componentes de um sistema para que este seja reconhecido como membro de uma classe específica. Por estrutura, entende-se os componentes que concretamente constituem uma determinada unidade e, entre si, relacionam-se para realizar a organização (ANDRADE, 2012).

Sendo assim, o que define a *autopoiesis* de um sistema é o fato de se produzirem continuamente a si mesmos, ressaltando a capacidade de autocriação e a dinâmica de relações em uma contínua rede de interações. Há uma base filosófica e epistemológica para interpretar uma unidade *autopoietica* como um sistema flexível que se auto-organiza.

Nesse diapasão, o debate incorpora uma noção de política econômica porque a *autopoiesis*, direta ou indiretamente, conflui para uma visão de domínio ecológico do mercado automediado e autovalorizado das economias capitalistas. Entretanto, não abandona a lógica de que um planejamento público possa vir a direcionar indutores de desenvolvimento (JESSOP, 2001).

No caso analisado, ainda que se perceba uma capacidade de auto-organização da cidade de Macaé, que apesar ter sofrido com a crise, não sucumbiu a ela, não há como atribuir o desenvolvimento do conglomerado da orla apenas às espontaneidades *autopoieticas*. Exatamente no início da crise, houve um planejamento público de revitalização da rua da antiga orla (destruída por uma ressaca de 2011), que se iniciou no ano de 2013. Por isso, ao contrário do ocorrido com o centro da cidade – esvaziamento e redução das atividades comerciais a partir de 2012 até 2015 –, a região apontou para uma importante proliferação de negócios (Figura 1).

Figura 1: Compilação de imagens da revitalização da Orla de Cavaleiros



Fonte: O Debate: Diário de Macaé, 2015.

Além da reestruturação física por parte do poder público local, há ainda que se observar as alterações legais que permitem o desenvolvimento de novas atividades comerciais na Região da Orla. Destaque para as Leis Complementares Municipais 141/2010, 232/2014 que dispõem sobre o Código de Urbanismo do Município de Macaé, definindo as permissões para realização de atividades comerciais e de serviços (MACAÉ, 2010; MACAÉ, 2014).

A cidade se comporta como um sistema e a relação *autopoietica* induz a uma auto-organização própria. Por outro lado, a sociedade não avança sem a definição de um sentido de solidariedade e identidade em torno de um conjunto de definições ou sem uma ponderação com vistas ao futuro (BATISTA, 2011). Dado o contexto histórico, a importância subjetiva da região e própria revitalização da Orla de Cavaleiros conduz a uma reinterpretção dos sistemas econômicos, onde a área central da cidade se retrai e as ruas da Orla de Cavaleiros, em especial, ruas perpendiculares, se fortalecem. Antes, preponderantemente voltadas às propriedades residenciais, passa a pulsar uma nova potencialidade em torno de atividades comerciais, a exemplo da Rua Joaquim da Silva Murteira, perpendicular à Orla (Figura 2).



Figura 2: Atividades comerciais na Rua Joaquim da Silva Murtinho, Macaé-RJ

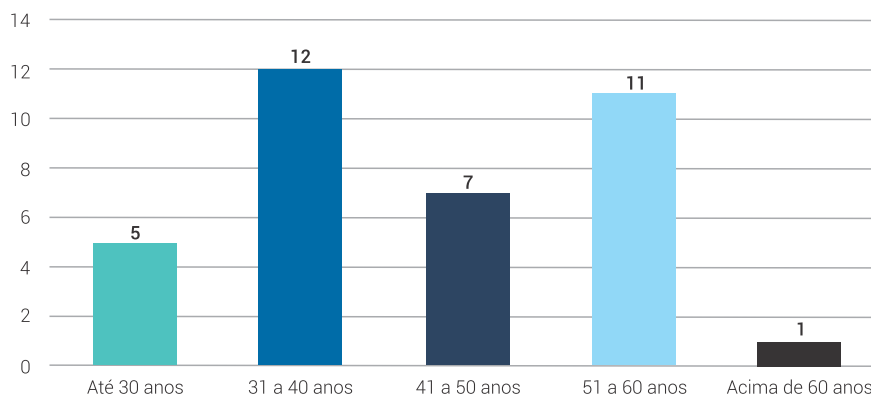


Fonte: Google, 2017.

### 3. CARACTERÍSTICAS DAS ATIVIDADES EMPRESARIAIS DA ORLA DE CAVALEIROS

A caracterização dos empreendedores compreendeu a identificação da faixa etária e do gênero dos entrevistados. A idade média dos participantes foi de 42,9 anos, constituindo um perfil amplo e diversificado (Gráfico 1). No que se refere ao gênero, detectou-se a predominância feminina (64%) diante de 36% do sexo masculino.

Gráfico 1: Distribuição etária dos participantes

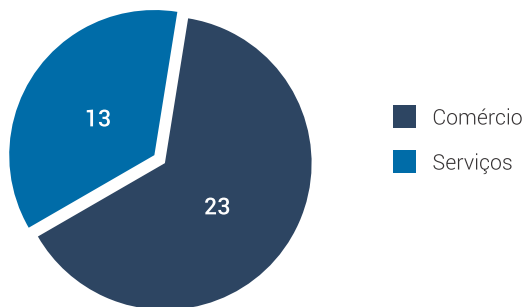


Fonte: Dados primários de pesquisa, 2018.

A primeira questão específica levantada junto aos empreendedores locais diz respeito à natureza essencial da atividade. O intuito da pergunta era compreender a diversidade dos negócios. Detectou-se, assim, a predominância de atividades comerciais (23 ou 64%) entre cafeterias, quitandas, lojas de roupas, cosméticos, sorveterias, restaurantes, móveis, artigos diversos, frente às prestações de serviços (13 ou 36%) entre escolas, cursos, serviços de saúde, conserto de materiais diversos, hotéis e pousadas (Gráfico 2).

Constatou-se que o setor alimentício, aliado ao consumo de “experiências”, traduz-se em uma grande potencialidade, tendo em vista a localização, o fluxo de pessoas e as belezas naturais.

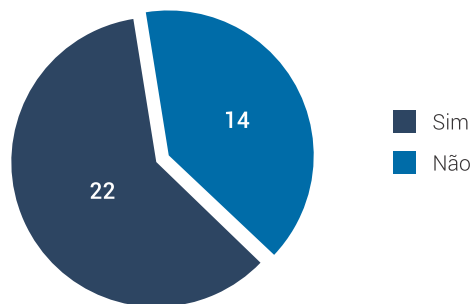
Gráfico 2: Natureza das atividades



Fonte: Dados primários da pesquisa, 2018.

Também foi necessário conhecer o perfil dos empreendedores e a experiência em negócios e atividades anteriores. A pesquisa revelou um índice de 39% de empreendedores que já haviam sido sócios ou proprietários de outras empresas, frente a 61% que empreendiam pela primeira vez (Gráfico 3). Em outras culturas, o empreendedor que fracassa ou aquele que abre diversas empresas é considerado experiente, ou seja, são ações consideradas positivas.

Gráfico 3 - Experiências anteriores como empreendedores

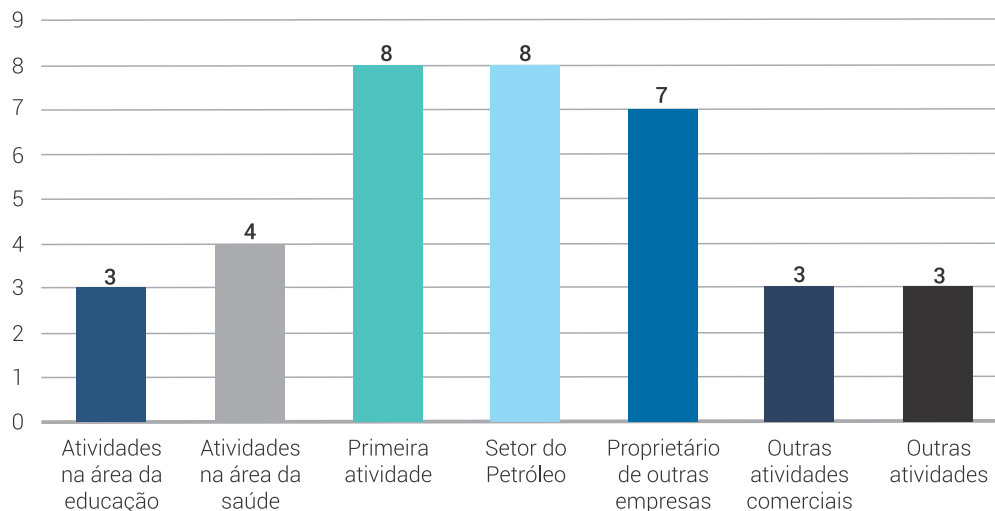


Fonte: Dados primários da pesquisa, 2018.

Outra questão de natureza semelhante refere-se à ocupação anterior imediata. Tal problemática era uma investigação necessária, porque havia um senso comum na cidade de que aqueles empreendedores eram ex-trabalhadores do setor petrolífero que "pegaram seus acertos e abriram um negócio". Vale ressaltar que apesar de 8 (22,2%) dos respondentes apresentarem o referido perfil, a premissa empírica não pôde ser confirmada. O traço característico deste questionamento é marcado por elevada heterogeneidade. Além dos 8 ex-trabalhadores do petróleo, 8 (22,2%) estavam em sua primeira atividade, ou seja, não trabalhavam em negócios formais, nem como empresários, nem como empregados. Destaque para 7 participantes (19,4%) que eram proprietários de outras empresas, 4 (11,1%) ex-trabalhadores da saúde, 3 (8,3%) da educação, 3 (8,3%) que eram empregados em outras atividades comerciais e 3 (8,3%) ex-trabalhadores ou prestadores de serviço em outras áreas (Gráfico 4).

Ainda que a participação de ex-trabalhadores do setor petrolífero seja significativa, os preceitos teóricos da *autopoiesis* possuem uma capacidade de explicação para o fenômeno ainda maior, dada a flexibilidade e diversidade da auto-organização ocorrida, corroborando com um sistema que perpetua a si mesmo.

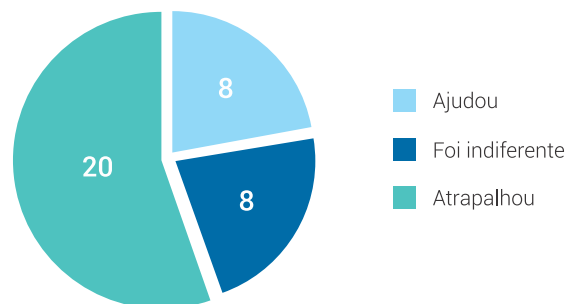
Gráfico 4: Última atividade imediata dos empreendedores



Fonte: Dados primários da pesquisa, 2018.

O último levantamento diz respeito diretamente à crise do Petróleo. Neste, também desconstruiu-se a narrativa de que os ex-trabalhadores do setor petrolífero “pegaram seus acertos e abriram um negócio”, o que possibilitava a interpretação de que a crise do setor petrolífero poderia ajudar à abertura de negócios. Para a maioria, 20 (55,56%), a crise atrapalhou os negócios, enquanto que para 8 (22,22%) foi indiferente, e para outros 8 (22,22%) ajudou o negócio a existir (Gráfico 5).

Gráfico 5: A crise do petróleo e os empreendimentos da região



Fonte: Dados primários da pesquisa, 2018.

Embora os dados brutos demonstrem que a crise atrapalhou os empreendimentos locais e o levantamento tenha a limitação de respeitar a lógica interna do sistema, é preciso considerar o fato de que 22,22% dos empresários dessa região avaliou a crise como positiva para a existência de suas respectivas empresas.

Mesmo que tal fato não defina a característica da região da Orla de Cavaleiros, como um todo, ele está presente e não pode ser descartado.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perturbações provocadas pelo ambiente são vistas como mudanças selecionadas e desencadeadas pela organização interna (LUIZI, 2003). Para tanto, a ênfase do trabalho parte da Crise do Petróleo enquanto fator externo que desencadeou uma nova lógica interna. Essa interação seletiva de acoplamento confere significado à vitalidade do sistema a partir de uma perspectiva da cidade, mesmo com a limitação cognitiva da análise interna.

Uma cidade, definida como uma unidade de organizações e pessoas, demonstra propriedades de autocriação e automanutenção e, por isso, pode ser considerada um sistema *autopoietico* se levarmos em conta os processos imprevisíveis de seus componentes. Tal propriedade pode levar à autocriação de padrões urbanos. Essa visão particular das interações mútuas entre organismo vivo e meio ambiente confirma que a *autopoiese* e a cognição são dois aspectos complementares e, de certo modo, equivalentes da vida, inclusive para trabalhos com enfoque na Ciência Social como este (BUŠ; TREYER; SCHMITT, 2017).

Portanto, o perfil dos empreendimentos da região da Orla de Cavaleiros demonstra a predominância de mulheres empreendedoras, de diversas idades e experiências, dedicadas, sobretudo, a atividades comerciais. É preciso considerar a importância da prestação de serviços, enquanto finalidade econômica, que sofreu forte impacto causado pela crise do setor petrolífero, acometendo toda a cidade. A pesquisa demonstrou resultados bem diversificados no que se refere à motivação para empreender e à ocupação anterior dos empreendedores da região.

#### 5. SUGESTÕES PARA A ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

Cada vez mais as cidades são valorizadas pela sua capacidade de construir modelos sustentáveis e de progresso econômico e social. Mas sem uma gestão inteligente da sua governação, economia, mobilidade e rede de transportes, eficiência energética, conservação do patrimônio, inclusão social ou de tantos outros desafios que habitam no cotidiano das urbes, o seu futuro está comprometido, quer no plano competitivo, quer no plano da sustentabilidade.

Portanto, é de extrema importância adotar um planejamento do espaço territorial urbano sob uma perspectiva integradora que substitua a perspectiva mecanicista, o que engloba a manutenção de preservações ambientais já conquistadas pela cidade, como as delimitações de altura e espaço de construções, em especial nas regiões litorâneas do município, junto à liberação para incentivar atividades empresariais, com a adequada regulação e fiscalização por parte do poder público.

Intervenções do planejamento central de cima para baixo apresentam sérias limitações à possibilidade de modelar a dinâmica das cidades. É sugerido que os modelos de melhoria das regiões sejam discutidos pelos públicos interessados e levados às esferas de poder, que por sua vez, precisam democratizar as decisões e descentralizar ações, aproveitando as potencialidades e diversidades já existentes.

Como os órgãos públicos não possuem o poder, propriamente dito, de gerar atividades empresariais, o mais indicado a se fazer é o acompanhamento constante das atividades, de modo a induzir possibilidades, contribuir para a melhoria de eventos estratégicos e interligar as inteligências locais.



## NOTAS

<sup>1</sup> Coordenador do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Gestão, Práticas e Políticas Públicas, Universidade Federal Fluminense, campus Macaé (GIPP/ICM – UFF). Administrador, com Doutorado em Administração de Organizações pela Universidade de São Paulo. Professor Departamento de Administração ICM – UFF e Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGAd - UFF) Endereço Institucional: Cidade Universitária, Av. Aloísio da Silva Gomes, 50 – Granja dos Cavaleiros, Macaé-RJ. Email: giulianoalves@id.uff.br.

<sup>2</sup> Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Cândido Mendes (UCAM) e graduanda em Administração pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Endereço Institucional: : Cidade Universitária, Av. Aloísio da Silva Gomes, 50 – Granja dos Cavaleiros, Macaé -RJ. Email: miurasouza@gmail.com

<sup>3</sup> Membro do Grupo Interdisciplinar de pesquisa em gestão, práticas e Políticas Públicas. Universidade Federal Fluminense – Campus Macaé (GIPP/ICM/UFF). Estudante de Administração pela UFF - Niteroi. Endereço Institucional: Cidade Universitária, Av. Aloísio da Silva Gomes, 50 – Granja dos Cavaleiros, Macaé -RJ. Email: rodrigoissa@id.uff.br

## REFERÊNCIAS

ALLEN, P. *Cities and Regions as Self-Organizing Systems*. London: Routledge, 1997.

ANDRADE, C.C. A fenomenologia da percepção a partir da autopoiesis de Humberto Maturana e Francisco Varela. *Griot – Revista de Filosofia*, v.6, n.2, 2012.

AREND, C.A. a cidade como um sistema heterotrófico: breves considerações sobre a construção de um direito ecológico. *Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas a Sociedade Contemporânea*, Santa Cruz do Sul, 2014.

BARTHELEMY, M. et al. Self-organization versus top-down planning in the evolution of a city. *Scientific Reports*, v.3, Article number: 2153, 2013.

BATISTA, C.R. *A cidade como sistema e o papel do arquiteto*. Dissertação apresentada à Universidade da Beira Interior para a obtenção do grau de mestre em Arquitectura. Covilhã, Portugal, 2011.

BERTALANFFY, L.V. *General System Theory: foundations, development, applications*. Edmonton, Canadá: George Braziller, 1969.

BUŠ, P.; TREYER, L.; SCHMITT, G. Urban Autopoiesis: Towards Adaptive Future Cities. In: CAADRIA 2017 Protocols, Flows and Glitches. *The 22nd International Conference on Computer-Aided Architectural Design Research in Asia*, 5-8 Apr 2017.

GOOGLE, Inc. Street View: 55 R. Joaquim da Silva Murinho, Macaé-RJ, 2017.

MACAÉ, Lei Complementar 141: Dispõe sobre o Código de Urbanismo de Macaé. Câmara Municipal de Macaé, 2010.

MACAÉ, Lei Complementar 232: Dispõe sobre alterações no Código de Urbanismo de Macaé. Câmara Municipal de Macaé, 2014.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas, SP: Psy II, 1995.

MINGERS, J. *Self-producing systems: implications and applications of autopoiesis*. London: Plenum, 1995.

JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

JESSOP, B. State theory, regulation and autopoiesis: Debates and controversies. *Capital & Class* 25(3):83-92, 2001.

LUHMANN, Niklas. *Introdução à teoria dos sistemas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LUISI, P.L. Autopoiesis: a review and a reappraisal. *The Science of Nature*. 90(2), 2003.

O DEBATE: Diário de Macaé. Cavaleiros recebe investimentos e vira modelo para a cidade. Texto de Marianna Fontes, imagens de Wanderley Gil. 2015. Disponível em: <https://www.odebateon.com.br/site/noticia/detalhe/32884/cavaleiros-recebe-investimentos-e-vira-modelo-para-a-cidade>. Acesso em: 01/11/2018.

SALIBA, Dantte Cunha Melo. O sistema econômico e o organismo da cidade. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XVIII, n. 143, dez 2015. Disponível em: <[http://ambitojuridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=16662&revista\\_caderno=24](http://ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=16662&revista_caderno=24)>. Acesso em nov 2018.